

A EXPERIÊNCIA DA EPILEPSIA NA CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS, MÁRIO DE ALENCAR E CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

Aluna: Samantha Valério Parente Souza

Orientadora: Margarida de Souza Neves

1. Introdução

Este relatório corresponde ao último ano de participação, como bolsista de IC da FAPERJ, no grupo de pesquisa que desenvolve o projeto *Ciência e Preconceito. Uma história social da epilepsia no pensamento médico brasileiro. 1859 – 1906*. Nesta etapa final, a documentação utilizada como objeto de pesquisa deste sub-tema foi a correspondência de Machado de Assis que tratasse do tema da epilepsia, e a correspondência trocada com Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo, que também se referisse à epilepsia. O tema da epilepsia tem um lugar de destaque na correspondência trocada entre estes três amigos ilustres, Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, todos os três intelectuais do século XIX pertencentes à cidadela letrada¹ da Academia Brasileira de Letras. Os três missivistas consagrados pela ABL como imortais, tinham uma face pública luminosa, reconhecidos por aquela sociedade como grandes intelectuais. Ao mesmo tempo, esses três homens sofriam em suas vidas privadas com uma doença incurável e extremamente estigmatizante, a epilepsia. Essa face obscura de suas vidas que tentaram esconder a todo custo, pois este era seu calcanhar de Aquiles, seu grande mal, e, com certeza, este não era o modo como eles queriam ser vistos pelos outros.

A ABL aparece neste contexto como a guardiã dessas duas facetas desses homens, já que foi ela quem publicou seus escritos literários, os consagrou com o título da imortalidade perante toda a sociedade, e, ao mesmo tempo, hoje, a instituição guarda em seu acervo documental seus segredos privados, a correspondência trocada entre os três missivistas. Somente nestas cartas, trocada entre iguais, eles ousam falar, mesmo que de maneira alusiva e por meio de eufemismos, sobre a epilepsia.

É neste espaço de sociabilidade privado que Machado, Mário e Magalhães, escrevem sobre suas angústias e seus medos, somente em suas cartas eles permitem mostrar o perigo mais temido, porque um epilético sempre com medo de ter uma crise em público, amedrontando e provocando horror a todos os que estão por perto.

Um fator presente nesta correspondência é o constante medo que eles têm de sua doença, tão enigmática para eles como para os médicos da época, que não sabiam como lidar com a epilepsia, uma doença tão desconcertante que não escolhe hora ou lugar para se manifestar, de um momento para o outro a pessoa poderia estar caída no chão com seu corpo completamente descontrolado.

Através do estudo dessas cartas é possível identificar o quanto o pensamento médico é reafirmado na vida desses homens, já que, em primeiro lugar, as imagens que eles têm de si mesmos são aquelas através das quais os epiléticos são representados nas teses médicas. Em segundo lugar, em suas cartas mencionam tabus alimentares, restrições a esforços físicos e os tipos de tratamentos indicados na época, tal como, nas teses aparecem estes aspectos.

Cada um desses pontos é desenvolvido ao longo deste texto, que busca, através desses escritos autobiográficos, perceber como era a vida de pessoas com epilepsia no século XIX e início do XX, sob sua própria perspectiva, em um momento em que a medicina

¹ Angel RAMA. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

desconhecia a rede neuronal, estrutura anatômica fundamental para entender o por que a doença se manifestava e, assim, poder tratá-la de forma eficaz.

Relatório Técnico

Essa parte do Relatório é a descrição das atividades do trabalho individual em meu sub-tema e das atividades realizadas em função dos interesses gerais do grupo de pesquisa, assim como as atividades realizadas por todo grupo no período de Julho de 2006 a Agosto de 2007.

1. Participação em Seminários e Congressos:
 - Apresentação de comunicação oral no XIV Seminário de Iniciação Científica da PUC – Rio – Jornadas PIBIC 2006, 31 de agosto de 2006, Rio de Janeiro – Auditório Padre José de Anchieta.
 - Apresentação de comunicação oral no CONIC – SEMESP/ COINT – SEMESP: 6º Congresso Nacional de Iniciação Científica/ 4º Congresso Internacional de Iniciação Científica. Realizado na Universidade de Guarulhos, dias 19 e 20 de novembro de 2006. Guarulhos – São Paulo
2. Realização de fichamentos que serviram de base para o trabalho individual, e que seguiu o modelo de fichamento bibliográfico proposto para as leituras feitas pela coordenadora da equipe, professora Margarida de Souza Neves:
 - PEREGRINO JUNIOR. **Doença e Constituição de Machado de Assis.** Coleção Documentos Brasileiros. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1986.
 - AZEREDO, Carlos Magalhães de. **Memórias.** Rio de Janeiro: Editora da Academia Brasileira e Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto.
 - MAUL, Carlos. **Vida da Condessa de Iguassú. (Filha de D.Pedro I e da Marquesa de Santos.)** Rio de Janeiro: Júlio Valverde Editor – livreiro, 1942.
 - STEIGLEDER, Gertraud Schultztz. **Imperatriz: Sob um véu de lágrimas.** São Paulo: Poeco, 1982.
 - WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de Curar. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889 – 1928.** Santa Maria: Editora da UFSM, 1999.
3. Levantamento realizado na biblioteca da Academia Brasileira de Letras da correspondência trocada entre Machado de Assis com Mário de Alencar, Machdo de Assis com Carlos Magalhães de Azeredo.
 - VIRGILLIO, Carmelo. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
 - NERY, Fernando. **Correspondência de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1932.
4. Levantamento dos escritos autobiográficos de Machado de Assis referentes à epilepsia.
 - GRAÇA ARANHA (Org.). **Machado de Assis & Joaquim Nabuco. Correspondência.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Toopbooks, 2003.
5. Fichamento das teses médicas de acordo com modelo proposto pela professora Margarida de Souza Neves:
 - ABREU, José Benício de. **[Sem Título].** Rio de Janeiro: Typografia – Acadêmica – Rua Sete de Setembro, 71. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade do Rio de Janeiro. 1873.

- COSTA, Antonio José da. **Epilepsia**. Bahia: Typ – Constitucional de F. Guerra, 1881. Tese de doutoramento apresentada a Faculdade de medicina da Bahia, 1881.
6. Atividades realizadas em comum pela equipe de pesquisa:
 - Reuniões semanais em que são realizados seminários sobre leituras propostas pela professora Margarida de Souza Neves e discussões de textos de interesse da pesquisa.
 - Reunião de orientação com as Professoras Margarida de Souza Neves e Heloisa Cerzedelo Corrêa.
 - Produção de material para o site da pesquisa: www.historiaecultura.pro.br
 - Participação da equipe no VIII Encontro de História e Saúde. História e Memória da Ciência e da Saúde: Balanço e Perspectivas. Realizado no Auditório do Museu da Vida, campus da Fiocruz, nos dias 15 e 16 de maio de 2007.
 7. Visita à Exposição:
 - Corpo Humano. Real e Fascinante. Realizada em São Paulo, na Oca do Parque Ibirapuera, no dia 05 de maio de 2007.
 8. Importância da Iniciação Científica:
 - A Iniciação Científica foi muito importante para meu desenvolvimento acadêmico, ajudou a melhorar a minha produção de texto, a trabalhar em equipe assim como me auxiliou em algumas disciplinas. Muitos textos utilizados nas disciplinas do curso foram utilizados como base teórica no trabalho de pesquisa, isso em muito ajudou a compreensão dos mesmos.
 - Trabalhar em um projeto de pesquisa nos permite por em prática o que estudamos em sala de aula, como por exemplo visitar um arquivo e trabalhar com um documento. É exercer realmente o ofício do historiador.

Relatório Substantivo

A Academia Brasileira de Letras: consagração pública e segredos privados.

Alguns literatos do final do século XIX manifestaram sua vontade de ter uma academia nacional, nos moldes da Academia Francesa. Em um primeiro momento, Lúcio de Mendonça pensou na possibilidade de uma Academia de Letras sob a égide do Estado, que desistiu do intento na última hora. A Academia foi fundada então de maneira independente em 20 de julho de 1897, como uma instituição que tem como objetivo cultivar a língua brasileira e a literatura nacional. No dia 20 de julho de 1897, em uma sala do Pedagogium que ficava na Rua do Passeio, realizou-se a primeira sessão, na qual estiveram presentes dezesseis acadêmicos. Machado de Assis presidente da Academia fez uma alocação preliminar e Joaquim Nabuco, que era o então secretário geral, pronunciou o discurso inaugural. Era composta por quarenta membros efetivos e perpétuos assim como a Academia Francesa. Este era um grupo formado pelos principais escritores da época, tais como Graça Aranha, José Veríssimo, Olavo Bilac, Lucio de Mendonça, Aluisio Azevedo, Magalhães de Azeredo, dentre outros.

É nesta cidadela letrada da Academia que esses intelectuais reafirmavam sua identidade social, criam suas redes de relações, publicam seus escritos literários que constituirão sua face pública diante da sociedade. Para os escritores cujas cartas são o objeto de análise deste trabalho, a Academia Brasileira de Letras é o espaço que confirma sua consagração pública e, também, o lugar onde estabelecem relações privadas de amizade. Na A.B.L. Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, são consagrados como imortais e, por serem os três diagnosticados como epiléticos, trocam suas experiências de fragilidade como mortais. Combinam, neste espaço, sua face luminosa representada por seus escritos literários e seu reconhecimento público, e sua face oculta e sombria, por viverem em

suas vidas privadas o que a época chamava de *o grande mal*, que buscam esconder. É algo que só pode ser admitido e traduzido em palavras entre aqueles que já experimentaram na própria carne o constrangimento de despertar de uma crise cercado de curiosos; o medo de perder o controle de si mesmo em uma situação inadequada; a humilhação de ser discriminado; a dor de receber o diagnóstico de uma doença incurável e, naquele momento, sem tratamento eficaz. Por isso, ainda que escrevam cartas com muitos outros, só nas cartas que trocam entre si mencionam a epilepsia, e, mesmo assim, muitas vezes usando de sua maestria na escrita para evitar escrever com todas as letras o nome da doença.

É na correspondência trocada entre os três que encontramos depoimentos de sofrimento e medo por viverem ameaçados por uma doença tão carregada de estigmas e preconceitos nesta sociedade do final do século XIX e início do XX. Na Academia, guardiã da memória dos que consagra como imortais, estão, portanto, os registros da glória desses três escritores e os leves indícios de sua experiência dolorosa de epiléticos, já que a ABL é conserva em seu acervo um exemplar de cada uma de suas obras literárias e guarda em seus arquivos, em meio a muitas outras cartas dos três, a correspondência trocada entre eles durante muitos anos.

Desses três missivistas, o mais conhecido por todos é Machado de Assis, célebre escritor de *Dom Casmurro*, *Memorial de Aires*, *Esau e Jacó*, e tantos outros livros, contos e artigos que há muito seduzem gerações de leitores por sua escrita magistral e por sua fina ironia. De origem humilde, nasceu no morro do Livramento, e são escassas as informações sobre seus pais e sua vida antes de seu reconhecimento como escritor e colaborador de diversos jornais da época. Tinha epilepsia e fazia o máximo para esconder seu mal, sempre muito discreto, quase nunca falava de sua vida pessoal. Segundo apurou sua biógrafa Lúcia de Miguel Pereira, nem mesmo à sua esposa Carolina contou sobre sua doença antes do casamento, e somente depois de que sofresse uma crise pouco tempo depois de casados afirmou ter tido “*umas coisas esquisitas*” na infância, como demonstra o trecho retirado da nota de pé de página de sua biografia:

“Foi, porém, de pessoas que conviveram intimamente com o casal Machado de Assis que recolhi a informação de que, depois de casado, sofrera o seu primeiro grande ataque, Machado, dizendo à mulher que nunca sofrera nenhum outro igual, confessara, porém lembrar-se de ter tido em menino, ‘*umas coisas esquisitas*’”.²

O segundo missivista é Mário de Alencar, filho do escritor José de Alencar, ainda que corresse à boca pequena nos círculos literários de sua época que poderia ser, em verdade, filho ilegítimo de Machado de Assis³ e haja, inclusive, alusões veladas a este respeito em algumas das biografias de Machado. A versão talvez se deva ao fato de ambos terem epilepsia, o que confirmaria os preconceitos da época em relação à doença, já que leigos e médicos estavam convencidos de que a hereditariedade era a principal causa e vetor de transmissão da doença. O filho de José de Alencar foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1905, e passou a ocupar a cadeira que antes pertencera a José do Patrocínio. Estudou no colégio Pedro II e formou-se em Direito na Faculdade de São Paulo. Desde muito cedo se mostrou interessado pelas letras, distinguiu-se em poesia e literatura, e colaborou em diversos periódicos da época, como o *Almanaque Brasileiro Garnier*, *Gazeta de Notícias*, *Revista Brasileira*. Foi Mário de Alencar que conseguiu do Governo brasileiro um local para alojar a Academia Brasileira de Letras, que ainda não tinha uma sede, que, uma vez conseguida, recebeu o nome de Silogeu Brasileiro. Sua obra literária não é muito extensa, e

² Lúcia de Miguel PEREIRA. **Machado de Assis**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988. p. 34.

³ Apud Antonio Carlos VILLAÇA. **O livro dos fragmentos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 72.

seus principais escritos são: *Lágrimas*, poesia (1888), *Dicionário de rimas* (1906), *O que tinha de ser*, romance (1912).

O terceiro e último missivista é Carlos Magalhães de Azeredo, nascido no ano de 1872, e que foi jornalista, poeta, ensaísta, contista e diplomata, foi também um dos dez escolhidos para integrar o grupo de fundadores da Academia. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, nunca exerceu sua profissão, logo ingressou na carreira diplomática e atuou em diversos países como Uruguai, Cuba, Grécia e, por último, em Roma. Assim como Machado e Mário, também colaborou com alguns periódicos da época, e, desde muito cedo escreveu poesias. Aos doze anos produziu um pequeno volume de versos com o título de *Inspirações da infância*, que não chegou a ser publicado. Escreveu *Alma Primitiva* (1895), *Procelárias* (1898), *José de Alencar* (1895), entre outras obras.

Mesmo distante, Magalhães de Azeredo nunca perdeu contato com seus amigos Mário de Alencar e Machado de Assis, o que permite que exista uma extensa correspondência entre os três que se encontra guardada no acervo de documentação da Academia Brasileira de Letras. Sua primeira carta dirigida a Machado foi quando Magalhães de Azeredo tinha apenas dezessete anos e enviou um poema para ser avaliado pelo grande escritor, que reconheceu sua vocação para as letras. Nas cartas que trocaram, os dois missivistas confiam seus pensamentos íntimos e confidências a respeito de seu estado de saúde. Magalhães de Azeredo ainda muito jovem descobrira ter epilepsia, assim como, conforme saberá mais tarde, seu amigo Machado. Essas cartas foram reunidas e publicadas por Carmelo Virgílio em 1969, pelo Instituto Nacional do Livro. Já sua correspondência trocada com Mário de Alencar permanece guardada pelo acervo da Academia.

Através da análise da correspondência trocada entre os três escritores é possível perceber que há uma triangulação na qual Machado está no topo, já que ele é o mais velho e mais experiente no que diz respeito tanto à literatura quanto às crises de epilepsia. Os três fazem parte da cidadela letrada⁴ da Academia Brasileira de Letras que é a guardiã de suas obras literárias e, por conservar em seu acervo a correspondência trocada entre os três escritores, é também guardiã de seus segredos. Neles o historiador de hoje encontrará fragmentos que entreabrem a estreita porta através da qual é possível adivinhar o que era a experiência dos que, segundo a medicina da época, eram acometidos por uma doença degenerativa, capaz de levá-los à loucura e também a morte. E, através das discretas confidências que trocam, adivinhar o que terão padecido os milhares de homens e mulheres que, como Machado, como Mário e como Magalhães de Azeredo eram apontados como epiléticos.

O segredo nas cartas trocadas entre Mário, Machado e Magalhães de Azeredo.

A análise desta correspondência trocada entre os três escritores é de especial relevância para este projeto de pesquisa, pelo caráter confessional de testemunho de pessoas que sofreram não só em seus corpos com essa doença em tempos em que a medicina ainda não tinha meios de controlá-la, mas que moralmente também foram objetos do preconceito que cercava – e cerca até hoje – os que têm epilepsia.

No século XIX a epilepsia era vista como uma herança maldita e as pessoas que sofriam com a doença eram confundidas com como o próprio mal de que eram vítimas. O epilético em crise era visto, em seu corpo convulso, como uma expressão da desordem e, quando o que a época chamava de *o ataque* se manifestava em público, representava em seu corpo desordenado a desordem do corpo social. O cuidado com os epiléticos que pertenciam à *boa sociedade* era de responsabilidade de sua própria família, bem diferente do que sucedia aos que pertenciam a famílias pobres, que eram de responsabilidade do Estado e os enviavam para os hospitais de alienados ou, em outros países, para as colônias de epiléticos que não

⁴ Angel RAMA. Op. Cit.

chegaram a existir no Brasil, ainda que sim existissem *pavilhões de epiléticos* em alguns *asilos de alienados*, como no caso do Imperial Hospício de D. Pedro II, que se tornaria, na república no Hospital Nacional de Alienados.

As cartas trocadas entre Machado, Mário e Magalhães de Azeredo que chegaram até nós demonstram o sofrimento que cada um deles carregou por toda sua vida. Os três escritores buscavam, entre si, conforto e apoio para suportar seu sofrimento, uma vez que o estigma da doença é muito forte nesta sociedade. A epilepsia era uma doença que, segundo o pensamento médico da época, podia ser conseqüência de desvios morais, poderia levar ao crime e à degeneração mental. Numa das confidências que trocam é possível perceber que as pessoas que sofriam com ela viam sua doença como uma “*moléstia*” que “*é lenta e custa a sair das costas*”⁵, como afirma Machado em trecho de uma carta enviada a Mário. Este pensamento é recorrente também nas cartas de Mário de Alencar a Machado, que, em uma delas que a epilepsia é: “*um mal que trago comigo e que destruiu em mim o encanto da vida*”⁶.

Em uma das cartas, Magalhães de Azeredo também se queixa ao amigo Machado de sua doença quando esta é confirmada:

*“e já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal. Um dos sintomas é precisamente essa inaptidão para o trabalho de que me queixo tantas vezes, e contra o qual, em momentos de crise, é nulo todo esforço da vontade.”*⁷

As cartas são, segundo Ângela de Castro Gomes, um espaço de sociabilidade informal em que as pessoas expressam seus sentimentos, opiniões e contam fatos pessoais de suas vidas. É “*um tipo de comunicação escrita, cujo significado varia conforme o uso a que se destina*”⁸ e é um documento que está impregnado de intimidade e repleto de história, a história de um indivíduo dentro da própria História. Estes escritos são sempre uma “*escrita do tempo*”⁹, espaço de formação de uma identidade, já que é neste lugar que o missivista se expõe, se mostra para outra pessoa ou demonstra como quer ser visto. Machado de Assis que era um homem extremamente reservado e de poucos amigos íntimos, somente nas cartas escritas para os que dividiam com ele a experiência da epilepsia deixava entrever um pouco dessa sua vivência íntima e dolorosa, e foi nestes escritos quase secretos que algumas vezes fez alusões a sua doença, e expressou seu sofrimento e as angústias, como demonstra o trecho abaixo:

*“Hoje à tarde, reli uma página da biografia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe, o outro”*¹⁰ ...”

Apesar de suas constantes tentativas de sempre procuram fugir do estigma trazido por sua doença, não o conseguiam, porque a epilepsia é uma doença difícil de ser ocultada, pois pode se manifestar em qualquer lugar e a qualquer hora. Segundo Goffman, o epilético, portador do grande mal, é um caso de difícil possibilidade de ocultação, para aqueles homens,

⁵ Fernando NERY. **Correspondência de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1932. Carta de Machado de Assis (09/08/1908) a Mário de Alencar. p.218.

⁶ Idem Ibidem. Carta de Mário de Alencar (23/03/1907) a Machado de Assis. p. 180.

⁷ Carmelo VIRGILLO. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969. Pp. 26-28.

⁸ Rebeca CONTIJO. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” In Ângela de Castro GOMES (org). **Escrita de si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, s.d.

⁹ Apud Silvia Ilg BYINGTON, “Prezados Modernistas” In Margarida de Souza NEVES, Sidney CHALHOUN e Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA (orgs.). **Histórias em cousas miúdas. Capítulos de História Social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.p.493.

¹⁰ Fernando NERY. Op. Cit. Carta de Machado de Assis (25/06/1908) a Mário de Alencar. p. 211.

este perigo constante da iminência de uma crise a qualquer momento deve ter sido bem perturbador como sugere este trecho de Goffman:

“O epilético sujeito a ataques do ‘grande mal’ é um dos casos extremo da impossibilidade de se tentar esconder o mal. Quando ele recobra a consciência, pode descobrir que está deitado na rua, com incontinência, gemendo, e sacudindo-se convulsivamente, um descrédito para a sua sanidade mental que só é atenuado pelo fato dele não estar consciente durante parte do episódio.”¹¹

Nas cartas é possível encontrar trocas de idéias e sentimentos, reflexão sobre si mesmo ou sobre o que ocorre ao seu redor. Por isso a carta é considerada como um documento valioso para os historiadores, já que é uma das formas que se tem de ver o passado na perspectiva de alguém que viveu e presenciou aquele tempo histórico. São, como todos os demais, documentos historicizados, ou seja, datados, determinados por um tempo e lugar. É importante que o historiador, ao lê-las, tenha o cuidado crítico em não ver nelas a transparência do que realmente ocorreu, mas a versão de si que seu signatário quer transmitir. As cartas são, de forma muito particular, um lugar privilegiado da construção da *persona* do missivista para si mesmo, para o destinatário e, posto que escritas, também para a posteridade. Na correspondência trocada entre Machado e Mário é possível notar certa cumplicidade entre os dois, uma troca de afetos entre dois amigos que estão condenados por uma *doença maldita*, pensamento recorrente da época. Um sempre busca notícias do estado de saúde do outro, se preocupam um com o outro porque sabem como é constrangedora a situação de uma possível crise. O trecho abaixo demonstra a preocupação mútua entre estes amigos:

*“...não houve dia em que não pensasse no Sr. com saudade e afetuoso cuidado pela sua saúde. Como tem passado? Dê-me logo que possa notícias suas com todas as minúcias, pois sabe que me interessam e não me cansam nunca”.*¹²

A missiva é “*um lugar de sociabilidade ‘privado’, oposto aos lugares ‘públicos’*”¹³, e, durante muito tempo, a troca de cartas foi uma prática social corrente entre os letrados e na sociedade como um todo.

Por vezes as cartas, por serem um espaço de narrativa pessoal, podem ganhar o status de um escrito de natureza autobiográfica, ou mesmo, quando muito frequentes, de um tipo de diário íntimo compartilhado com o destinatário, o que faz delas uma narrativa subjetiva bem diferente de textos escritos com o intuito de publicação¹⁴. É nesta perspectiva que é analisada a correspondência ativa e passiva de Machado de Assis e Mário de Alencar, que permite o estudo não apenas de seu conteúdo específico sobre a epilepsia, mas também da interlocução entre os dois missivistas.

Um Mal sem nome

A epilepsia sempre aparece de forma alusiva na correspondência trocada entre esses três missivistas. O nome da doença nunca é escrito, e a referência a ela é sempre feita de maneira velada. Machado, por exemplo, só alude à sua doença a amigos mais íntimos, como Mário de Alencar, e a Magalhães de Azeredo, que partilhavam com ele de seu drama, e a Joaquim Nabuco, com quem mantinha uma longa e íntima relação de amizade que permitia essa dolorosa confidência. Utilizam sempre outras palavras, que os destinatários não tinham

¹¹ Erving GOFFMAN. *Stigma*. New York: Simon/Schuster, 1986.p.85.

¹² Carta de Mário de Alencar (08/02/1907) a Machado de Assis. In NERY Op. Cit. Pp. 175-176.

¹³ Rebeca CONTIJO. Op. Cit.

¹⁴ Idem. Ibidem.

dificuldades de decodificar como alusivas à epilepsia, como por exemplo, “*radicalmente enfermo*”¹⁵, “*minha moléstia*”¹⁶.”

Mário de Alencar, desde o momento em que recebeu o diagnóstico do médico, viu-se como um condenado a uma maldição até o fim de seus dias, e narra sua angústia ao amigo Machado em uma carta do ano de 1906, na qual o tratamento utilizado é indício da reverência com que trata o mestre e da assimetria na relação:

*“Meu prezado e ilustre amigo Sr. Machado de Assis, - Não fui o outro dia ao Garnier, depois da consulta do médico, porque achei no consultório a convicção que eu receava, e me fez triste e incapaz de conversa nenhuma. O médico procurou iludir-me, mas a fisionomia dele e a indicação dos remédios disseram a verdade. Vim para a Tijuca com grande desalento, que ainda tenho hoje e agora terei sempre até o último dia”*¹⁷.

O missivista tinha suas razões para sentir-se assim, uma vez que os médicos da época e, com eles, a sociedade como um todo, viam a epilepsia como uma condenação, achavam que esta era uma doença mental, e lidavam com ela como um mal misterioso. O tratamento da epilepsia era baseado na indicação de bromuretos e, por vezes, os médicos prescreviam outras maneiras mais duvidosas de tratamento, como a castração, a cauterização dos nervos¹⁸, o isolamento do paciente, a recomendação banhos mornos prolongados ou frios e rápidos, dentre tantos outros tipos de tratamento.¹⁹

Os médicos também aludiam, em suas teses, à *personalidade epilética*, e consideravam que os pacientes epiléticos alternassem, sem causa aparente, momentos em que estivessem felizes e eufóricos, dispostos a trabalhar, e, de repente ficassem amuados, tristes, indispostos, irritados.²⁰ Na correspondência de Mário de Alencar é possível perceber como estas considerações médicas são internalizadas pelos doentes, ainda que saibamos hoje que sua base empírica é muito frágil. Por vezes, Mario Alencar escreve sobre *um torpor de espírito e melancolia* que o impedia até mesmo de escrever ao amigo Machado de Assis, como no trecho abaixo:

*“Meu querido amigo, - Disse-lhe no bilhete postal que ao chegar aqui lhe escreveria longamente. São passados sete dias que estou na fazenda e ainda hoje é com esforço grande que vou vencendo o torpor do espírito que me traz preso a uma idéia fixa, e lhe escrevo esta carta. Não melhorei nada nem com a viagem nem com a vinda para fazenda. Trouxe comigo o que é irreduzível e irremediável: o meu temperamento a minha melancolia”*²¹.

Magalhães de Azeredo, ao contrário de Mário, relata que foi acometido por uma crise pelo excesso de trabalho, e isso é uma queixa recorrente em sua correspondência a Machado:

“[...] Por minha parte, passei todo esse tempo sem lhe escrever mais, porque estive bastante doente, ainda que não de cama; a dispepsia nervosa

¹⁵ GRAÇA ARANHA (Org.). **Machado de Assis & Joaquim Nabuco. Correspondência.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Toopbooks, 2003. Carta de Machado de Assis (06/12/1904) a Joaquim Nabuco. p.127.

¹⁶ Fernando NERY. Op. Cit. Carta de Mário de Alencar (02/01/1907), a Machado de Assis. p.170.

¹⁷ Idem. Ibidem. Carta de Mário de Alencar (26/02/1906) a Machado de Assis. p.170. (Grifos meus)

¹⁸ Francisco PINHEIRO GUIMARÃES. **Algumas palavras sobre a epilepsia.** Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869.

¹⁹ João FAGUNDES. **Contribuição ao estudo da Klinotherapie nos alienados.** Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1903.

²⁰ Manuel de Marsilac MOTTA. **Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos.** Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900. p.45.

²¹ Fernando NERY. Op. Cit. Carta de Mário de Alencar (02/01/1907) a Machado de Assis. p. 170.

agravou-se-me, em conseqüência talvez do excessivo trabalho a que me entreguei desde minha chegada...”.²²

Em outras ocasiões estes literatos se mostravam animados e com esperança de talvez se curarem de sua moléstia. Mário escreve em uma de suas cartas endereçadas a Machado que tem lutado contra os dias de “*mal estar do corpo*”, que estava decidido a curar-se, e que, para isso pediria licença de seu trabalho para repousar: “*Preciso deste repouso, e estou resolvido a curar-me...²³*”.

Outra suposição possível após a análise dessa correspondência é que, talvez as pessoas com epilepsia, ao menos aquelas que pertenciam ao grupo dos letrados, lessem os tratados e teses médicas sobre sua doença, o que fica confirmado em uma carta de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis:

“...mas quanto a mim, acresce a propensão evidente que tenho para neurastenia. Empenhado em estudar minha moléstia, tenho um sem número de teses e tratados que dela se ocupam, e já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal²⁴”.

Talvez por esta razão os pacientes de epilepsia se sentissem tão mal em relação a sua doença, pois nos escritos médicos da época as pessoas com epilepsia eram vistas freqüentemente como “*homicidas e suicidas²⁵*”. A doença, vista como conseqüência de desvios sexuais ou morais do doente, a epilepsia era considerada, tal como a lepra no comentário de Georges Duby, a evidência “*nos corpos desses infelizes [...] a podridão de sua alma²⁶*”, e, por isso, eram tão rejeitados e estigmatizados por aquela sociedade. Encontramos nos escritos de Magalhães de Azeredo, assim como nos de Mário de Alencar, a referência à doença como “*o meu mal*”, fórmula eloqüente tanto por evitar a enunciação do nome da doença quanto por identificá-la com um *mal* por antonomásia e *seu* e capaz de incapacitá-lo para a vida e de lhe anular a vontade:

“...já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal. Um dos sintomas é precisamente essa inaptidão para o trabalho de que me queixo tantas vezes, e contra o qual, em momentos de crise, é nulo todo esforço da vontade²⁷...”

É possível perceber nestes relatos as “*sugestivas variações de sentidos das doenças²⁸*”, e, além dessas descontinuidades, também continuidades. Isso porque diferentes pessoas podem aludir em seus relatos da mesma forma à sua experiência com a epilepsia, e essas continuidades estão presentes nas cartas de Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo, como nas ocasiões em que se referem à inaptidão para o trabalho intelectual, mas o mesmo não é verificado nas cartas escritas por Machado de Assis, nas quais essa suposta marca da doença não é mencionada e, apenas como medida profilática, Machado sugere a um dos dois amigos com quem compartilha a experiência da epilepsia que trabalhem menos por que assim evitaria ficar vulnerável diante da doença, como demonstra o trecho abaixo:

²² Idem Ibidem Pp. 37-40

²³ Idem Ibidem. Carta de Mário de Alencar (17/01/1907) a Machado de Assis. Pp.192-193.

²⁴ Carmelo VIRGILLIO. Op. Cit. Carta de Carlos Magalhães de Azeredo (21/01/1894) a Machado de Assis. p.30.

²⁵ Antonio José da COSTA. **Epilepsia**. Bahia: Typographia Constitucional de F. Guerra, 1881. p.17.

²⁶ Georges DUBY. “*O medo das epidemias*” In **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos**. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. p.79.

²⁷ Carmelo VIRGILLIO. Op. Cit. Carta de Magalhães de Azeredo (21/01/1894) a Machado de Assis. p.30.

²⁸ Dilene Raimundo do NASCIMENTO, Diana Maul de CARVALHO e Rita de Cássia MARQUES. “O método comparado em história das doenças” In **Uma história brasileira das doenças**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.20.

“Insisto no pedido que lhe tenho feito sempre: não abuse de suas forças²⁹”.

Não só os tabus com relação ao esforço físico aparecem nos escritos médicos, mas também os tabus alimentares. Os médicos em suas teses condenam os excessos e a ingestão de certos alimentos alegando que estes fariam mal ao paciente com epilepsia. Uma bebida cujo consumo pelos doentes é sempre desaconselhado, além das bebidas alcoólicas, é o café, por causa de sua ação estimulante e que, no entendimento de então, traria problemas ao sistema nervoso e predisporia às crises. Machado de Assis parece ter se queixado do mau efeito da bebida sobre ele ao amigo Mário, pois em uma carta de suas cartas a Machado, Mário faz recomendações para que o amigo não abuse do café:

“Outra coisa que lhe peço para não esquecer é o mal que pode trazer-lhe a bebida freqüente do café, sobretudo à tarde, em que costuma tomar ao sair da secretaria. Ouvi-lhe muita vez queixar-se do mau efeito dele [...]. Tendo esses cuidados, verá que as melhoras continuarão, sem outra crise³⁰...”

Tanto esses tabus alimentares quanto o chamado *temperamento epilético* não foram comprovados cientificamente, mas eram amplamente afirmados pelos médicos do século XIX e início do XX. Em suas cartas, esses homens com epilepsia demonstram o quanto o discurso médico penetrava em suas vidas, pois, como observa hoje a história da saúde e da doença, “o discurso médico-científico do início do século era como um verdadeiro oráculo³¹”.. O que pode ser percebido na análise desses escritos autobiográficos desses três homens que sofriam de epilepsia, é que havia uma circularidade entre o pensamento do médico, o pensamento do doente e o que o paciente transmitia aos que, como ele, sofriam do mesmo mal.

O Círculo Perverso do Medo

A análise dos escritos epistolares de Machado de Assis e Mário de Alencar, destaca um ponto importante: o constante medo que os ronda. Eles têm medo de ter uma crise em público, medo da degeneração mental, medo de se tornarem criminosos, pois a medicina de sua época e, nela, uma linhagem de médicos brasileiros que seguiam os ensinamentos do médico italiano Cesare Lombroso, acreditavam que todo epilético era um criminoso em potencial³². Ao mesmo tempo a sociedade em geral também tinha medo dos que, então, eram identificados com a doença e chamados de epiléticos, o que se explica pelo fato das crises serem, por vezes, violentas e perturbadoras, mas também porque, na época, a doença era tida como contagiosa, irremediavelmente hereditária e socialmente ameaçadora já que a doença, segundo discurso médico da época, poderia levar o paciente à loucura, à degeneração moral e mesmo ao crime.

A preocupação com o tema da loucura está presente em vários escritos de Machado de Assis, e seu famoso conto *O alienista* é um indício precioso neste sentido. Não é difícil imaginar o que deveria ser para uma pessoa como ele, que era um grande escritor, reconhecido por sua inteligência, viver com o fantasma constante por ter a possibilidade de se tornar um louco. Não é de admirar que não contasse a ninguém, exceto os mais chegados sobre sua moléstia.

A permanência do estigma aparece, inclusive, em suas biografias. Décadas após a morte de Machado, em um excelente estudo biográfico sobre Machado de Assis, Lúcia de Miguel Pereira sugere, em uma afirmação não isenta de preconceitos, que a chave da

²⁹ Fernando NERY. Op. Cit. Carta de Mário de Alencar (08/01/1907) a Machado de Assis. p.173-174.

³⁰ Idem. Ibidem.

³¹ Dilene Raimundo do NASCIMENTO, Diana Maul de CARVALHO e Rita de Cássia MARQUES. Op. Cit. p.20.

³² Maria Aparecida dos SANTOS. Relatório PIBIC 2006. Mimeo In www.historiaecultura.pro.br disponível em 10 de agosto de 2007.

compreensão do grande escritor está em levar em conta o que considera seus dramas pessoais:

“Para compreendê-lo, é preciso não esquecer precisamente daquilo que procurou ocultar: da origem obscura, da mulatice, da feiúra, da doença – do seu drama enfim³³”.

Para Machado era tão difícil conviver com a doença que mesmo em seus escritos literários, quando fazia alguma alusão à epilepsia, não utilizava seu nome clínico e apenas uma vez em seu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* deixou escapar a palavra *epilética*³⁴, mas já na segunda edição do romance ele substituiu esta palavra por *convulsa*.³⁵ Não nomear a doença era negá-la e lutar contra ela. O medo da doença era tão evidente que talvez este tenha sido o motivo para que Machado e Carolina não tenham tido filhos, por temor que estes nascessem com a mesma doença do pai, já que os médicos da época acreditavam que a hereditariedade era o fator determinante para manifestação da epilepsia. Alguns analistas da obra de Machado acreditam que seus escritos literários têm muito de autobiográficos, por isso talvez possamos supor um sentido oculto, confessional e alusivo à epilepsia, na famosa frase final de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria³⁶”.

Mário de Alencar teve filhos, pois ao contrário de Machado, descobriu sua epilepsia mais velho, quando já era casado e tinha filhos. O medo freqüente identificado nos escritos de Mário é o de ter uma crise em público, medo, por certo, compartilhado por Machado. Quando os males que levariam Machado à morte se agravaram, e este permanece acamado, Mário evita ir vê-lo, talvez por temor do que poderia provocar nele a forte emoção de ver o amigo gravemente enfermo:

“Veja a que estado físico e moral me reduziram os nervos; sob a ação mórbida deles fico egoísta e covarde. Deixei de vê-lo, e entretanto o coração me pedia que fosse, e eu tinha desde a tarde anterior a sua lembrança³⁷”.

A epilepsia era para os homens desta época uma grande incógnita, eles tal como seus médicos não sabiam como lidar com a doença, e por isso viviam, como os homens de outras épocas diante de outras doenças incuráveis,

“a angústia diante da fragilidade da condição humana e procura por todos os meios negá-la, ocultá-la, afastá-la do seu horizonte e, último recurso, fugir daqueles que são atingidos por ela³⁸”.

A epilepsia, tal como em outros tempos a peste, era uma doença diante da qual tanto os médicos quanto seus pacientes constatavam sua impotência, e por isso a temiam tanto. Por isso, aplica-se ao caso dos que foram diagnosticados como epiléticos no período estudado o que de outras doenças e outros tempos afirma Jacques Lê Goff:

“mesmo no seio da família, os comportamentos de rejeição podem ser uma terrível crueldade,³⁹”

Conclusões Preliminares

³³ Lúcia de Miguel PEREIRA. *Machado de Assis*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988.p.26.

³⁴ Idem Ibidem.p.30.

³⁵ Cfr. Margarida de Souza NEVES. **Em primeira pessoa: Escritos Autobiográficos de Pacientes com Epilepsia no Brasil do século XIX**. In www.historiaecultura.pro.br disponível em 10 de agosto de 2007.

³⁶ APUD Margarida de Souza NEVES. Idem. Ibidem.

³⁷ Fernando NERY. Op. Cit. p.297-298.

³⁸ Jacques LE GOFF. *As doenças tem história*. Lisboa: Terramar, 1985. p.175.

³⁹ Idem Ibidem. p.176.

As conclusões preliminares deste trabalho de análise da correspondência trocada entre Machado de Assis, Mário de Alencar, e, em menor escala dado o estágio da pesquisa, entre Machado e Carlos Magalhães de Azeredo, são que a epilepsia aparece mencionada, ainda que quase sempre de forma velada, nesse conjunto de cartas enquanto dificilmente é mencionada nas cartas que os três missivistas escrevem a outros destinatários em função da experiência comum da doença. Ainda que estas alusões sejam eufemísticas e não muito numerosas, são, pelo simples fato de existirem, muito relevantes não só por permitirem um raro relance sobre a experiência pessoal, comum dos três escritores, como doentes com epilepsia, mas também porque, através deles, temos a possibilidade de aceder ao universo praticamente inatingível para os estudiosos da história epilepsia da vivência desta doença. As discretíssimas confidências que os três escritores trocam permitem inferir que a experiência dos doentes era presidida pelo medo, que se concretizava no pavor do diagnóstico, das crises públicas, da transmissão à prole da doença, da loucura, e da rejeição. Esse medo parece ser a contrapartida nos pacientes dos estigmas sociais da doença e da visão dos médicos da epilepsia como uma *condenação* irreversível.

É, portanto, possível inferir da amostragem significativa constituída pela correspondência analisada que o discurso médico da época acerca da epilepsia era assimilado e reafirmado pelos doentes, que incorporavam os estigmas sociais da doença que a medicina legitimava. As cartas analisadas sugerem que os que eram diagnosticados como epiléticos se viam da mesma forma como eram vistos nas teses e escritos médicos.

Assim como as etapas de trabalho expostas em meus Relatórios anteriores, este Relatório virá a fazer parte de minha monografia de final de curso, ainda em elaboração.

Referências

- BYINGTON, Silvia Ilg “Prezados Modernistas” In NEVES, Margarida de Souza, CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **Histórias em cousas miúdas. Capítulos de História Social da crônica no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu.” In GOMES, Ângela de Castro(org). **Escrita de si. Escrita da História.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- COSTA, Antonio José da. *Epilepsia.* Bahia: Typ – Constitucional de F. Guerra, 1881.
- DUBY, Georges. “O medo das epidemias” In *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- FAGUNDES, João. *Contribuição ao estudo da Klinotherapie nos alienados.* Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1903.
- GRAÇA ARANHA (Org.). *Machado de Assis & Joaquim Nabuco. Correspondência.* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Toopbooks, 2003. Carta de Machado de Assis (06/12/1904), a Joaquim Nabuco.
- GOFFMAN, Erving: *Stigma.* New York: Simon/Schuster, 1986.
- LE GOFF, Jacques (org.0. **As doenças tem história.** Lisboa: Terramar, 1985.
- MOTTA, Manuel de Marsilac. *Das descargas motoras na epilepsia essencial; suas vantagens e danos.* Rio de Janeiro: Typografia Besnard Frères, 1900.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do, CARVALHO, Diana Maul de e MARQUES, Rita de Cássia. “O método comparado em história das

- doenças” In **Uma história brasileira das doenças**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NERY, Fernando. **Correspondência**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1942.
 - NEVES, Margarida de Souza. **Em primeira pessoa: Escritos autobiográficos de pacientes com epilepsia no Brasil do século XIX**. In www.historiaecultura.pro.br disponível em agosto de 2007.
 - PEREIRA, Lúcia de Miguel. **Machado de Assis**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1988.
 - PINHEIRO GUIMARÃES, Francisco. **Algumas palavras sobre a epilepsia. Proposições sobre todas as ciências da dita Faculdade**. Rio de Janeiro: Typografia de D. L. dos Santos, 1869. Tese para o concurso a um lugar de opositor da seção de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
 - SANTOS, Maria Aparecida dos. **Relatório PIBIC 2006**. In www.historiaecultura.pro.br disponível em agosto de 2007.
 - VIRGILLIO, Carmelo. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969.